

## **Artefatos da casa em exposição: o espaço doméstico colonial paulista em acervos do Museu Paulista/USP**

Maria Aparecida De Menezes Borrego

Museu Paulista da Universidade de São Paulo

---

**Resumo:** A proposta do texto é discutir os procedimentos adotados para a realização de uma pesquisa em andamento no Museu Paulista da Universidade de São Paulo sobre o espaço doméstico e a cultura material em São Paulo colonial a partir do estudo de acervos da instituição.

**Palavras-chave:** espaço doméstico, São Paulo, Museu Paulista

**Abstract:** *The text proposal is to discuss the procedures to develop a research at Museu Paulista da Universidade de São Paulo about domestic environment and material culture in colonial São Paulo based on the study of the institution's collections.*

**Keywords:** *domestic space, São Paulo, Paulista Museum*

---

A proposta do texto é discutir os procedimentos adotados para a realização de uma pesquisa em andamento no Museu Paulista da Universidade de São Paulo, intitulada “Espaço doméstico e cultura material em São Paulo colonial a partir do estudo de acervos do Museu Paulista/USP”. Trata-se de um projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, na modalidade Jovem Pesquisador, por um período de três anos - que teve início em abril de 2011 - e que conta, além da minha pessoa, com a participação de três bolsistas de Iniciação Científica, graduandos do curso de História da USP, e um bolsista em Treinamento Técnico V, especialista em Tecnologia da Informação.

A questão central da pesquisa é a contextualização dos objetos musealizados, o que implica analisar tanto a constituição de acervos como a trajetória dos

artefatos na instituição, a fim de investigar o passado colonial paulista que se quis representar por meio de sua disposição e arranjo na exposição museológica.

Entretanto, não só o desvendamento dos caminhos percorridos pelas peças no museu, como também a aproximação do contexto histórico de origem dos objetos e de usos precedentes fornece subsídios para desfetichizá-los como relíquias. Nesse sentido, buscamos elaborar o percurso dos objetos antes de seu ingresso na instituição e examinar os interiores domésticos paulistas coloniais, onde exemplares da mesma categoria foram alocados, no esforço de identificar os usos que os indivíduos dele fizeram e as pessoas por ele articuladas.

Para tanto, partimos do pressuposto que “os artefatos não devem constituir objetos de investigação em si, mas vetores para a investigação de aspectos relevantes na organização, funcionamento e transformação de uma sociedade” (MENESES, 2003: 28).

Para além dos documentos tridimensionais, a recorrência a fontes iconográficas e textuais é fundamental para o estudo do espaço doméstico colonial, uma vez que as informações relativas aos atributos físicos, às funções utilitárias, aos usos sociais dos objetos e seu papel mediador na sociedade local favorecem o enquadramento dos artefatos como produtos, vetores e conformadores de relações e práticas sociais, conferindo inteligibilidade aos exemplares guardados no museu.

Nesse sentido, a investigação aqui sugerida tem como ponto de partida o Serviço de Objetos do Museu Paulista, mas sua problemática demanda a utilização de fontes depositadas na própria instituição e em demais arquivos que tragam informações tanto sobre a constituição dos acervos e trajetória dos objetos no museu – com relevância para as correspondências e relatórios anuais da diretoria –, como também sobre o espaço doméstico colonial paulista – em especial os inventários post mortem.

Considerando, portanto, fundamental o diálogo entre fontes tridimensionais e textuais para a compreensão do espaço doméstico colonial, passo a narrar os caminhos percorridos até o momento para o desenvolvimento do trabalho a fim de que se tenha idéia de como as questões vêm sendo abordadas.

Tal narrativa parte da apresentação de um site criado pelo especialista em TI do projeto, a partir das demandas feitas a princípio por mim, mas das quais participam os demais membros, com a finalidade de acompanhar o andamento do trabalho.

A idéia é que todos os passos da pesquisa possam ser registrados e concentrados em um único lugar, no caso o site, disponível na web mediante acesso por senha pelos membros da equipe (figura 1).



Figura 1: Página inicial do site [www.espacodomestico.com.br](http://www.espacodomestico.com.br)

Como se vê, o site está estruturado em guias que dão acesso a fontes, bibliografia, atividades, informações de que fazem uso os componentes da equipe para a realização do projeto.

Da guia Objetos, constam as 182 peças relativas ao ambiente doméstico, datadas dos séculos XVII, XVIII e primeira metade do século XIX, selecionadas junto ao banco de dados e imagens do Museu Paulista, que armazena informações sobre cerca de 26 mil unidades tridimensionais catalogadas. Os artefatos elencados estão distribuídos entre as classes de mobiliário e acessórios; interiores; veículos e transportes; processamento da alimentação; arte sacra.

Como tal banco foi desenvolvido em FoxPro, em inícios da década de 1990, não possuía interface para a internet. Nestes poucos meses de trabalho, entretanto, o banco de dados já foi colocado em plataforma da web, com uma organização levemente diferente da antiga, e, ao longo da pesquisa, a proposta é desenvolver uma navegação mais eficaz, com sistemas de busca eficientes. Um dos objetivos de nosso projeto, inclusive, é servir como ponta de lança para que os acervos sejam disponibilizados on line.

Os dados básicos para a contextualização da peça referem-se a: identificação; descrição; produção; datação; dimensões; histórico; incorporação; bibliografia; galeria de imagens. Parte dessas informações consta das fichas técnicas que os profissionais da instituição foram completando ao longo dos anos, mas ainda existem lacunas, equívocos de preenchimento e, às vezes, imprecisão quanto à datação. Nossa tarefa é, também, conferi-las e incorporar outras ao instrumento, para que o banco de dados possa ser qualificado.

Para compor a guia Inventários, foram selecionados, para este primeiro ano de trabalho, 64 inventários post mortem manuscritos no Arquivo Público do Estado de São Paulo, datados das décadas de 1740, 1750 e 1760, relativos aos habitantes da cidade de São Paulo, de variados segmentos sociais. Nos próximos dois anos, contemplaremos períodos subseqüentes até a década de 1830.

Uma vez encerrado o processo de digitalização, foram elaboradas fichas para a sistematização das informações, as quais serão preenchidas de acordo com o andamento da leitura paleográfica dos bolsistas. Interessa a nossa pesquisa o registro dos dados básicos do processo – nome do inventariado, data de abertura do processo, estado civil, naturalidade -, descrição de bens de raiz, características dos bens móveis, quantidade e idade dos filhos, número e valor dos escravos. Acreditamos que o preenchimento dos campos e a posterior tabulação de dados nos ajudem a compreender os artefatos guardados no Museu.

Para que se tenha idéia do trabalho conjugado de fontes tridimensionais e textuais no que diz respeito à análise do contexto de origem de um artefato e de seu contexto de musealização, comentemos primeiramente o caso de um contador do século XVIII pertencente ao acervo do Museu.



*Figura 2: Contador – século XVIII – Museu Paulista/USP*

Em dois corpos, este móvel foi confeccionado com três tipos de madeira. A estrutura é de nogueira. As prateleiras são de pinho-de-riça e as partes frontais de cedro. Todo entalhado, tem 23 pequenas gavetas, detalhes folheados a ouro e cerca de 100 delicadas colunas de marfim. A parte frontal é ricamente decorada em motivos geométricos, no estilo mudéjar, desenvolvido na península ibérica por influência da cultura islâmica. Pela profusão e riqueza de elementos decorativos, devia ser considerado móvel de aparato, destinado a guardar objetos de valor.

Este móvel é o ponto de partida, por exemplo, para a investigação de seu contexto de produção e uso social, qual seja, o século XVIII. Para tanto, buscamos o registro de móveis de guarda em inventários paulistas e na bibliografia sobre mobiliário no Império Português para entender seu papel na sociedade de então.

Difundidos durante o século XVII, segundo Fernanda de Barros Freire, “pode dizer-se que os contadores evoluem a partir de móveis portáteis – os escritórios, que se colocavam em cima de mesas ou estrados. Só são considerados contadores quando ganham suporte próprio – a trempe. Em Portugal não têm batente a tapar a ‘fábrica’, e não se conhecem exemplares de grande luxo, feitos com materiais raros, a não ser, até certo ponto, os ‘indo-portugueses’” (FREIRE, 2002: 70)

A se levar em conta estes comentários, a ausência de batente pode sugerir que o exemplar do Museu foi produzido em Portugal – ainda que não se tenha certeza da

procedência e a origem hispânica seja fortemente aventada. Quanto à raridade, em função dos atributos físicos que lhe constituem, esta já foi comprovada em consulta a outras instituições museológicas brasileiras acerca de peças semelhantes nos respectivos acervos.

Com relação à disseminação do móvel no contexto colonial, acredita-se que fora trazido para o Brasil em pequena quantidade (CANTI, 1980). Entretanto, a consulta a inventários paulistas setecentistas confirmou a presença de vários contadores, confeccionados na colônia, pertencentes a pessoas de posses de variados segmentos sociais - proprietários rurais, comerciantes e artesãos -, e é possível que figurem em outros em razão do pouco volume documental lido até o momento.

De acordo com o registro dos avaliadores, nos contadores, predominavam o jacarandá da Bahia - liso ou lavrado -, os pés torneados, as gavetas em número variado com ferragens e, por vezes, fechaduras. O jacarandá era a madeira por excelência empregada nos móveis de porte considerável, que acabou por “revolucionar” as técnicas utilizadas na fabricação do mobiliário português quando remessas maiores e contínuas desta madeira aportaram no reino sob a denominação de “pau santo”.

A origem baiana dos móveis indica não só a predominância dos artesãos daquela capitania no cenário colonial, que tinham seus móveis encomendados pelos habitantes de localidades longínquas, como era o caso de São Paulo, mas também a circulação de peças de mobiliário na América Portuguesa. A situação se modificaria aos poucos, ao longo dos setecentos, na própria capital paulista com a formação de um grupo de oficiais mecânicos que passaria, cada vez mais, a confeccionar os móveis “feitos na terra”.

A descrição dos móveis nestes processos está bastante distante daquela feita ao exemplar do museu, indicando uma produção bem menos elaborada em termos de elementos decorativos – tal como ocorria no reino -, entretanto mantendo a mesma função utilitária, qual seja, a guarda de valores e documentos.

Observando o contador no conjunto de móveis descritos nos inventários, fica evidente que o mobiliário de guarda com tampo de abrir, representado pelas arcas, caixas, canastras e baús, era o que prevalecia nos interiores domésticos daquele período. Entretanto, a presença de gavetas, que caracteriza o contador, parece antecipar os princípios de procura serial, racionalidade da arrumação e

individualização do patrimônio, que iriam se firmar em fins do Antigo Regime europeu. De acordo com Nuno Madureira, “a fragmentação do espaço em minúsculos compartimentos e divisões atinge o seu zênite nas fileiras de gavetas de contadores – cada uma com a respectiva fechadura – e no interior de papeleiras e escritórios, com a multiplicação de recantos e escaninhos” (MADUREIRA: 1992, 182-3)

Embora na ficha técnica não constasse a data do ingresso do contador no Museu Paulista, algumas pistas dispersas no próprio documento nos levavam a acreditar que sua aquisição houvesse ocorrido entre 1948 e 1957. De fato, ao percorrer os Relatórios da Diretoria da gestão de Sérgio Buarque de Holanda, encontramos no Relatório das atividades de 1948, menção ao dito artefato: “Entre outras peças que passaram a figurar no mesmo ano, nas salas destinadas à visita pública, cumpre assinalar um precioso contador hispânico do século XVI do tipo “vargueño” que se acha sob a guarda do museu em virtude de entendimento havido entre esta diretoria e o presidente do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo – Dr. João Torres de Oliveira” (Arquivo Permanente do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista, Série Relatórios de Atividades, 1948).

Se, ao longo dos anos, a datação já fora reformulada e a procedência e estilo questionados - em razão dos estudos aprofundados que envolveram o móvel para sua restauração na década de 1990 -, até o momento a data de ingresso não constava do banco de dados da instituição. Esse dado novo será agora acrescentado à ficha técnica para que, aos poucos, a trajetória desse bem seja contemplada tanto na instituição como antes da musealização. Atualmente, o contador integra a exposição “O móvel como artefato”, inaugurada em 1999.

Ainda sobre a constituição de acervos e o histórico expositivo dos artefatos na instituição, bem como o contexto de produção e uso social da peças, um segundo exemplo pode ser ilustrativo do trabalho que começamos a empreender há cerca de cinco meses.

Trata-se de um móvel, denominado leito, também feito em jacarandá, com cabeceira de ornatos rococós vazados, flores e fitas. No centro, abertura para estofado de damasco (figura 3). Consta ter pertencido ao Padre Diogo Antonio Feijó, que atuara, na década de 1830, como regente do Brasil. Teria sido inclusive sobre esta cama de solteiro que Feijó viera a falecer



*Figura 3: Leito – século XVIII – Museu Paulista/USP*

Quanto ao seu ingresso na instituição não há dúvidas. Tal peça de mobiliário fazia parte da Coleção Sertório, primeiro núcleo de coleções do museu.

Inicialmente, o acervo geral do Museu Paulista – e dentro dele o acervo histórico – foi formado a partir de duas grandes coleções de objetos: a principal delas, a coleção do coronel Sertório, e a coleção do Museu Provincial de São Paulo.

Na coleção reunida pelo coronel Joaquim Sertório, constavam espécimes de história natural (zoologia, botânica e mineralogia) e peças de interesse etnográfico e histórico, entre as quais móveis. Esta coleção particular encontrava-se na própria residência do Coronel, no Largo Municipal, hoje Praça João Mendes. Era frequentemente aberta à visita de personalidades e de viajantes de passagem pela cidade (MORAES, 2008).

Em 1890, o conselheiro Francisco de Paula Mayrink comprou a casa do coronel Sertório (juntamente com sua coleção). E, no mesmo ano, em 23 de dezembro, dela fez doação ao Governo do Estado de São Paulo, ao ser criado o Museu do Estado, logo rebatizado de Museu Paulista, que passou a funcionar oficialmente no local onde se encontra, no bairro do Ipiranga, em 1895 (figura 4).



*Figura 4: Museu Paulista/USP*

Se a questão do ingresso do artefato na instituição está resolvida, outras peças precisam ser encaixadas para dar forma ao mosaico expositivo ao longo do século XX. Já dispomos de duas manifestações dos primeiros diretores do Museu acerca do leito que revelam a forma como concebiam os objetos expostos na instituição e o que eles poderiam significar sobre o passado brasileiro.

Em razão do caráter enciclopédico dos museus na passagem do século XIX para o XX, seu primeiro diretor foi um zoólogo, o alemão Hermann von Ihering, que esteve à frente da instituição de 1895 a 1916. Justamente por ser da área de ciências naturais, até pouco tempo, os estudos sobre o Museu Paulista apontavam sua gestão como despreocupada com a ampliação do acervo histórico. Pesquisas recentes, entretanto, têm questionado esta visão.

O entendimento de Ihering sobre os significados dos objetos históricos revela-se nesse ofício dirigido à Secretaria do Interior, em 1912, no qual assinalou que “É verdade que temos no Museu a cama, a cadeira e outra mobília do senador Diogo Feijó mas estes são ao mesmo tempo valiosos tipos de mobília do país de começo do século passado” (Arquivo Permanente do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista, pasta 94). Concluimos daí que para tal diretor o valor histórico desse tipo de objeto residisse nas informações nele contidas sobre seu contexto histórico-cultural e, não, na condição de seu proprietário ou de seu doador (MORAES, 2008). Já seu sucessor, Affonso de E. Taunay, historiador e diretor do Museu de 1917 a 1945, se reportando ao mesmo objeto indica uma visão bastante diferente, reputando-o como relíquia e valorizando-o historicamente por ter pertencido a um grande vulto da história nacional, como ele mesmo se referiu a Feijó em seus estudos.

No Guia da Secção Histórica do Museu Paulista, por ele escrito e publicado em 1937, há esta referência “O mobiliário que se expõe nesta sala – sala A-16 - tem alto significado histórico, porque pertenceu ao grande regente Diogo Antonio Feijó. Assim, ali estão o leito em que faleceu, em 1843, um sofá, mesa, escrivaninha, etc.” (TAUNAY, 1937)

No próprio Guia há uma fotografia da referida sala A16, denominada Arte religiosa colonial. Mobiliário antigo, datada da década de 1920, que nos permite observar sua disposição na exposição museológica (figura 5).



*Figura 5: Sala A-16. Museu Paulista, década de 1920*

Onde o leito ficou exposto desta data até a década de 1990 ainda resta investigar. Mas e hoje, onde estaria tal artefato? Na sala C3, como parte da já referida exposição “O móvel como artefato” (figura 6).



*Figura 6: Sala C-3. Museu Paulista, 2011 (Foto de José Rosael)*

Perceba-se que agora só dispomos da cabeceira do móvel e não só dele como de outros leitos. Isto porque, na concepção da sala, como o próprio nome diz se procurou desconstruir os móveis e apresentá-los como produtos de um determinado contexto histórico, organizados em núcleos de acordo com as técnicas empregadas à época da fabricação. A proposta foi estimular o público a observar o mobiliário como resultado de trabalho em madeira de marceneiros e ebanistas do século XVII ao XIX, daí serem também exibidas ferramentas utilizadas pelas artesãos (Jornal da USP, 23 a 29/8/1999: 20)

Como se vê, a própria concepção da exposição busca excluir a idéia dos artefatos como fetiches, cujo valor somente lhe seria conferido em razão de seu proprietário. O nosso leito é prova disso, haja vista que não ganhou destaque algum em função de ter pertencido ao Feijó, pelo contrário, está disposto atrás do bufete que, por sua vez, encontra-se atrás do preguiceiro. Podemos supor que seus atributos físicos não foram considerados tão significativos pelos curadores da exposição em termos de técnicas produtivas como as demais cabeceiras que se encontram dispostas em duas outras paredes com maior destaque.

Mais ainda, atualmente, a legenda da peça está perdida, ou pelo menos, lá não se encontra, o que impede que o visitante saiba o período de sua concepção e nem imagine a quem pertenceu. Identificá-la não foi fácil. Primeiramente, o reconhecimento se deu por exclusão em relação a duas outras cabeceiras muito semelhantes expostas na mesma sala, com base no número de registro no museu (RG). Em seguida, a identificação ocorreu mediante a comparação do artefato em exposição com as fotografias guardadas no banco de dados e no Guia da Secção Histórica. Tal como no paradigma indiciário de que nos fala Ginzburg (1990), foram os pequenos detalhes, como a altura das colunas e a ausência pináculos, bem como a quantidade de elementos vasados na cabeceira que deram a certeza de se tratar do móvel comentado por Ihering e Taunay, há quase um século.

A semelhança entre os móveis não era fortuita, pois a técnica de torneados era bastante predominante nos leitos existentes nas casas de morada da elite na cidade de São Paulo setecentista, como se depreende dos exemplares descritos nos inventários.

Ainda que as preocupações com o conforto na hora de dormir não estivessem entre as prioridades dos homens do século XVIII, nos processos de comerciantes reinóis abastados, os leitos aparecem desde meados do século com alguma ornamentação. Se a rede, própria para a mobilidade espacial, era o artefato para

dormir usual no século XVII, já no seguinte, os leitos passaram a ser mais utilizados, e sua principal característica era o emprego do torneado mais grosso.

Eles podem ser tomados como indício de que o processo de fixação dos habitantes, na cidade de São Paulo, encontrava contrapartida nesse mobiliário mais sólido e pesado que eles passavam a encomendar para suas moradias e legavam aos seus descendentes. (BORREGO, 2010). A posse desse móvel de repouso poderia, portanto, ser considerada como testemunho do enraizamento e enriquecimento de certos grupos sociais em solo paulistano no século XVIII.

A todas essas informações por nós colhidas, devem se somar outras a fim de que possamos produzir dossiês realmente significativos, em que os documentos textuais, iconográficos, tridimensionais, bibliográficos se comuniquem para dar inteligibilidade ao artefato guardado na instituição museológica; dossiês organizados on line, com links para que o público possa refletir sobre o passado colonial paulista que se pretendeu e se pretende representar no Museu Paulista. Esse é um dos grandes objetivos de nosso projeto e talvez nosso maior desafio.

## ***Referencias Bibliográficas.***

---

**BORREGO, M. A. de M.** (2010). Laços familiares e aspectos materiais da dinâmica mercantil na cidade de São Paulo (séculos XVIII e XIX). Anais do Museu

**Paulista: História e Cultura Material**, v.18, n.1, pp. 11-41.

**CANTI, T.** (1980). O móvel no Brasil. Rio de Janeiro: Guinle.

**FREIRE, F. B.** (2002). Mobiliário II: móveis de conter, pousar e de aparato. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.

**GINZBURG, C.** (1990). Mitos, emblemas e sinais. São Paulo: Companhia das Letras.

**MADUREIRA, N. L.** (1992). Cidade: espaço e quotidiano (Lisboa, 1740-1830). Lisboa: Livros Horizonte.

**MENESES, U. T. B. de** (2003). Fontes textuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, n. 45, pp. 33-56.

**MORAES, F. R. de** (2008). Uma coleção de história em um museu de ciências naturais: o Museu Paulista de Hermann Von Ihering. Anais do Museu Paulista. N. Sér., v. 16, n.1, pp. 203-233.

**TAUNAY, E.** (1937). Guia da Secção Histórica do Museu Paulista. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.